

Milicianos armados acobertados pela polícia civil aterrorizam comunidade quilombola*

“Meu cunhado estava tocando violão e cantando, quando a gente viu aquele clarão de fogo e já estavam incendiando as casas”. Depoimento de um descendente quilombola, que estava dentro de uma das três casas queimadas por quatro jagunços encapuzados, na Comunidade Remanescente de Quilombos no Varzeão, localizado na região do Vale do Ribeira (PR). A seu lado, vinte outros quilombolas tiveram que se esconder na mata próxima às casas, por mais de cinco horas, enquanto viam as casas pegando fogo.

Segundo os moradores a escritura da terra dos quilombolas data de 1854, portanto desde há um século os moradores já estão assentados no local. Entretanto, há uma disputa pela área entre dois grupos donos de madeiras que estão pressionando a retirada dos quilombolas. É a exploração do pinus no Vale do Ribeira que jagunços são contratados para defender as terras griladas pelas empresas, estas além da expulsão das famílias, contribuem para a desertificação do solo. A queima foi o desfecho de uma semana de terror e de violência contra os quilombolas do Varzeão. Os moradores vinham sendo pressionados para deixar o local, desde segunda-feira (dia 14). No último dia 15 de julho, oficiais de justiça, policiais militares e jagunços cumpriram uma ação de reintegração de posse da terra. Estranhamente toda a ação contou com o “apoio” de um grupo de pistoleiros, que até agora não foi identificado pelos quilombolas do Varzeão. Durante a reintegração de posse a polícia e o grupo de pistoleiros disparam vários tiros contra os trabalhadores(as) - várias cápsulas já foram entregues aos órgãos responsáveis. Os policiais também levaram as ferramentas de trabalho (tratores, combustíveis). Na ação, os tratores dos quilombolas foram apreendidos.

De acordo com a denúncia de moradores, os quatro jagunços que destruíram suas casas e depósitos de sementes, são seguranças das madeiras. Os moradores denunciam que a perseguição não é recente e data de quarenta anos, desde a época do governo Lupion, quando, no ano de (1970), 17 casas já foram incendiadas. A escritura é de 1854, mas desde 1754 os quilombolas estão assentados sobre este chão.

O Caso do Varzeão soma-se ao crescimento das ações de milícias armadas e capangas contratados do Paraná, além do descaso do governo estadual e do sistema Judiciário. Moradores denunciam também a negligência da polícia civil que atuou no local após o incêndio: além de não ter realizado boletim de ocorrência com os moradores, não deteve os carros dos seguranças que transitavam na área.

“A polícia só fez um boletim de ocorrência, nem fez direito, e foi embora. Nosso objetivo é plantar o que comer, não temos emprego, não temos teto, a única coisa que nós tinha era isso aqui, não sabemos o que vai acontecer, agora se a justiça não estiver ao nosso lado, não sabemos o que fazer. Ficou uma situação bem complicada”, denuncia um quilombola, que aponta um conluio entre o judiciário local e Milton Coutinho, grileiro que há décadas vem expulsando as famílias.

Este fato foi manchete nos jornais na ultima semana, dia 15/07. Como podemos perceber os moradores do local estão desesperados com a situação e correndo riscos de morte, ameaçados pelo grupo de jagunços e milícias acobertados pela policia. O fato aconteceu na cidade de Doutor Ulisses, divisa com São Paulo. A ação violenta foi praticada por grupos de jagunços a serviço de grileiros que reivindicam a posse da área como se fossem os verdadeiros donos.

Infelizmente, parece que virou rotina, tomarmos conhecimento de grupos e ou a policia desenvolver ações desastrosas cujo resultado tem vitimado pessoas inocentes, cidadãos de bem, trabalhadores. Senão vejamos os últimos acontecimentos. No Rio de Janeiro, o caso dos três rapazes abordados pela policia militar, depois de sofrerem humilhações, foram entregues para traficantes e foram executados. O caso da garota, em Porto Amazonas, que voltava de um baile de formatura com um colega, subitamente, surge um carro trafegando na contra mão, e ambos são surpreendidos com tiros de revolver, disparados por policiais que os confundiram com assaltantes. A garota foi atingida com um projétil na cabeça morrendo logo em seguida.

Nós da Associação Cultural de Negritude e Ação Popular dos Agentes de Pastorais Negros - ACNAP e o movimento negro organizado, nos colocamos contra tais ações, repudiamos e apelamos às autoridades competentes, ao Ministério Público e exigimos providencias na apuração desses episódios e a punição dos culpados e que tais fatos não caiam no esquecimento.

Pois, coincidência ou não, mas, via de regra, em todos esses episódios violentos, pelo menos na maioria deles, as vitimas são jovens negros, sem antecedentes criminais e trabalhadores que estão sendo executados. Vitimas de grupos milicianos ou da policia, uma instituição que deveria oferecer segurança, mas por despreparo e ou intencionalmente, estão ceifando vidas de cidadãos inocentes e traumatizando as famílias atingidas que choram a dor da perda.

** Manifesto da Associação Cultural de Negritude e Ação Popular dos Agentes de Pastorais Negros – ACNAP.*